

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE ENSINO
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS NATURAIS**

QUESIA CRISTINA PARAIZO

**EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA
INSERÇÃO DO TEMA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PONTA GROSSA

2019

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE ENSINO
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS NATURAIS**

QUESIA CRISTINA PARAIZO

**EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA
INSERÇÃO DO TEMA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso Superior de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais do Departamento Acadêmico de Ensino (DAENS) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Naturais.

Orientador: Prof. Dr. Danislei Bertoni

PONTA GROSSA

2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CÂMPUS PONTA GROSSA



Departamento Acadêmico de Ensino (DAENS)
Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais

TERMO DE APROVAÇÃO

EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA INSERÇÃO DO TEMA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

QUESIA CRISTINA PARAIZO

Trabalho de Conclusão de Curso **APROVADO** como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Ciências Naturais pelo Departamento Acadêmico de Ensino (DAENS), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Danislei Bertoni
UTFPR
PROFESSOR ORIENTADOR DO TCC

Lia Maris Orth Ritter Antikeira
UTFPR
PROFESSORA DO CURSO DE LICENCIATURA

Carmen Lucia da Silva Garcia
SEED/PR – Col. Est. Pe. Carlos Zelesny
PROFESSORA EXTERNA AO CURSO

Nadia Maria Pereira Ramos
SEED/PR – Col. Est. Prof^a. Elzira Correia de Sá
PROFESSORA EXTERNA AO CURSO

Ponta Grossa, 10 de dezembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me proporcionar a vida, por me dar forças e me capacitar a cada dia.

Ao meu querido orientador Prof. Dr. Danislei Bertoni por ter adotado a ideia desde o início, pela paciência, pela atenção e por todos os esforços que contribuíram imensamente para o trabalho.

À minha família pelo apoio, confiança e compreensão em todos os momentos, especialmente minha mãezinha que não mediu esforços para que eu pudesse chegar até aqui.

Ao meu querido paizinho, que foi morar ao lado de Deus, mas ficaria orgulhoso pelas minhas conquistas.

Aos meus amados amigos que a faculdade me presenteou, em especial Thais, Scheila e Junior, que tornaram meu período acadêmico mais alegre e especial.

A UTFPR e ao curso de Ciências Naturais que me proporcionaram experiências incríveis, me fazendo crescer como pessoa e profissionalmente.

Por fim a todos que de perto ou de longe torceram por mim e contribuíram para a realização dessa pesquisa. Muito obrigada!

RESUMO

PARAIZO, Quesia Cristina. **Educação em Sexualidade**: uma sequência didática para a inserção do Tema nos anos finais do Ensino Fundamental. 2019. Monografia Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Ponta Grossa, 2019.

A Educação em Sexualidade está prevista nos documentos oficiais da Educação Básica e representa um importante avanço para a construção de conhecimento e conscientização acerca do corpo, da saúde e das relações humanas. No entanto, ainda há certa resistência aos trabalhos na área devido à grande polêmica que o tema envolve. Assim, este trabalho tem como objetivo principal analisar as potencialidades de uma sequência didática para a inserção do tema Educação em Sexualidade no início dos anos finais do Ensino Fundamental. A sequência didática proposta pode ser utilizada como material de apoio à prática docente, pois permite a abordagem da Educação em Sexualidade em seu conceito mais amplo, considerando a dimensão cultural, afetiva e social, para que os alunos desenvolvam uma percepção diferente no que se refere às questões sexuais. A pesquisa possui caráter bibliográfico e documental e se debruça na investigação das seguintes reflexões, a saber: (a) Aspectos históricos da Educação em Sexualidade no Brasil; (b) Inserção do tema na Educação Básica; e (c) Estudo dos eixos conceituais dentro da Educação em Sexualidade. As percepções envolvidas no processo de análise qualitativa-interpretativa permitiram inferir sobre as potencialidades da proposta de sequência didática para inserção da temática, antecipando e organizando conhecimentos preliminares e importantes, o que tradicionalmente no ensino de Ciências tem ocorrido no 8º e 9º anos ou mesmo no ensino médio.

Palavras-chave: Educação em Sexualidade. Educação Básica. Sequência didática.

ABSTRACT

PARAIZO, Quesia Cristina. Sexuality education: A didactic sequence for inserting the theme in the final years of the elementary School. 2019. Monography, Interdisciplinary Degree in Natural Sciences - Federal University of Technology – Paraná. Ponta Grossa, 2019.

Sexuality education is provided for in the official documents guiding basic education and represents an important progress towards building knowledge and awareness of the body, health and human relations. Nevertheless, there is still a certain resistance towards works in that area, given the great controversy such theme involves. Thus, this paper has as its main objective the analysis of the potentialities of a didactic sequence for the introduction of sexuality education themes in the early final years of the elementary School. The didactic sequence is used as a tool of support to the teaching practice, which allows for the approach of sexuality education as an ample concept, taking into account the cultural, affective and social dimensions, so that students can develop a different perception in reference to sexual matters. The research has a bibliographical and documental character, and focuses on the investigation of the following reflections: historical aspects of sexuality education in Brazil, the insertion of the theme in basic education, and the study of the conceptual axis inside sexuality education. The perceptions involved in the process of qualitative-interpretative analysis have made possible the certification of the didactic sequence proposition and the confirmation that such strategy can be considered of potential significance in science teaching.

Keywords: Sexuality education. Basic education. Didactic sequence.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1	EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE NO BRASIL: UM APANHADO HISTÓRICO .	12
2.2	EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE NAS ESCOLAS	15
2.2.1	Questões Legais e Inserção do Tema na Educação Básica.....	15
2.2.2	Educação em Sexualidade e o Ensino de Ciências.....	16
2.3	EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE EM PAUTA	18
2.3.1	Desenvolvimento da Sexualidade.....	18
2.3.2	Gênero e Diversidade sexual.....	20
2.3.3	Saúde e Prevenção	21
3	METODOLOGIA	23
3.1	DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	23
3.2	ORGANIZAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	24
3.3	DETALHAMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	25
4	ANALISE E DISCUSSÃO	29
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as discussões em torno da sexualidade passaram por grandes mudanças, contribuindo para ampliar a perspectiva que se tinha a respeito da temática. Em consonância à isso, existe um conjunto de Leis que contemplam a Educação em Sexualidade¹ nas escolas, como a elaboração e publicação do tema transversal Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1997, que pode ser trabalhado por meio de todas as disciplinas e ao longo do terceiro e quarto ciclos, atualmente, anos finais do Ensino Fundamental.

Contudo, a prática educacional se mostra ainda um pouco tímida. Entre as possíveis causas, estão os embates morais e a banalização do tema. Isso se deve a desinformação e a falta de discernimento das pessoas diante da importância do tema na sociedade. Por esse motivo, muitos professores, principalmente de Ciências, optam por trabalhar a Educação em Sexualidade somente no que diz respeito ao fator biológico, se ausentando de discussões que envolvem a sexualidade dos indivíduos.

A sexualidade é um aspecto muito presente e necessário na vida de cada indivíduo. Ela envolve, além do fator biológico, o fator psíquico e o cultural, que determinam as variadas formas de expressão da sexualidade humana. Pensar na sexualidade é pensar no bem estar, na saúde, no autoconhecimento e na diminuição das vulnerabilidades.

Diante disso, cresce a percepção da importância da Educação em Sexualidade como instrumento necessário para construção de conhecimento e conscientização acerca do corpo, da saúde e das relações humanas; além do reconhecimento das diversidades sexuais e o enfrentamento de situações de preconceitos para a garantia de oportunidades efetivas de participação de todos nos diferentes espaços sociais.

Considerando a importância para o processo formativo do aluno, a Educação em Sexualidade torna-se indispensável nas escolas, devendo, portanto, ser encontrados caminhos metodológicos possíveis para a abordagem das questões

¹Terminologia empregada nesse trabalho para designar questões da sexualidade na Educação.

sexuais com os alunos, de forma que estes venham adquirir os elementos fundamentais para o exercício da sexualidade consciente.

Nesse sentido, o problema de pesquisa pode ser sintetizado na seguinte questão: *Quais as potencialidades de uma sequência didática para inserção do tema Educação em Sexualidade no início dos anos finais do Ensino Fundamental?*

Como resposta a essa questão o **objetivo geral** é *analisar as potencialidades de uma sequência didática para a inserção do tema Educação em Sexualidade no início dos anos finais do Ensino Fundamental*. Os **objetivos específicos** são: (a) *organizar um referencial teórico que estabeleça os fundamentos da Educação em Sexualidade no Ensino*; (b) *elaborar uma sequência didática a partir dos eixos conceituais contidos nos PCN's*; e (c) *desenvolver um caderno didático de apoio a prática docente*.

Tendo em vista as dificuldades descritas na literatura e as experiências vivenciadas como professora-residente no Programa de Residência Pedagógica no período de dois anos, notou-se a necessidade de trabalhar o tema logo no início dos anos finais do Ensino Fundamental, pois é o momento em que a expressão da sexualidade começa a ficar mais visível e os comentários entre os alunos começam a ser disseminados com frequência.

É nessa fase que muitos conceitos são construídos de forma equivocada, dificultando o trabalho em torno do tema. Nessa perspectiva, é fundamental uma inserção antecipada do tema para que o aprendizado vá ocorrendo aos poucos e de modo sutil. Isso porque ao trabalhar um conceito novo, o qual os alunos não estejam acostumados, pode gerar um impacto negativo, provocando um bloqueio na aprendizagem.

Partindo dessa premissa, propõe-se uma sequência didática que contempla os elementos fundamentais no processo formativo do aluno como cidadão pertencente a uma sociedade plural, enfatizando o autoconhecimento, autocuidado e cuidado com o outro, de forma a contribuir para que os alunos desenvolvam e exerçam sua sexualidade com prazer e responsabilidade, garantindo direitos básicos como a saúde e a informação.

Assim, uma proposta didática pautada nesses valores dá uma maior abertura e embasamento para que os professores possam abordar a Educação em Sexualidade de maneira mais segura e efetiva e com, possivelmente, bons resultados acerca do aprendizado dos alunos.

A estrutura desta monografia está organizada da seguinte maneira: a Seção 2 compõe o referencial teórico, apresentando um apanhado histórico da Educação em Sexualidade no Brasil a partir do século XX até os dias atuais, a Educação em Sexualidade no contexto do Ensino de Ciências, e os elementos fundamentais para o exercício da sexualidade consciente; a Seção 3 apresenta a metodologia, descrevendo o delineamento da pesquisa e a organização da sequência didática; a Seção 4 apresenta a análise e discussão, com a interpretação e contextualização dos achados da investigação; a Seção 5 apresenta as considerações finais, frisando os objetivos alcançados e expectativas quanto à continuidade da pesquisa; e por fim, os apêndices com o produto educacional para o Ensino de Ciências.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE NO BRASIL: UM APANHADO HISTÓRICO

Entender a história da Educação em Sexualidade é de grande importância para que o professor adquira elementos para exercer uma boa prática profissional. Segundo Figueiró (1998), estudos realizados por pesquisadores no Brasil apontam que os primeiros trabalhos nessa área foram realizados nas décadas de 1920 e 1930. Nessa época, as propostas de Educação em Sexualidade eram movidas pelo interesse em aumentar as oportunidades educacionais para as mulheres e melhorar sua saúde, não havendo a preocupação com a reestruturação dos papéis sexuais.

Até o final da década de 1960, houve poucas mudanças nessa área. Porém, a partir da década de 1970 foram realizadas muitas experiências de implantação de programas de Educação em Sexualidade no Brasil, sendo esse considerado um período relativamente favorável (WEREBE, 1978² apud FIGUEIRÓ, 1998). Inclusive, alguns colégios católicos, que antes apresentavam uma posição repressiva no contexto da Educação em Sexualidade, começaram a desenvolver alguns programas após o Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965, que estabeleceu mudanças na Igreja Católica (FIGUEIRÓ, 1998).

Esses programas funcionavam como uma espécie de orientação de grupo, em que o professor de Ciências ensinava sobre o funcionamento biológico do corpo humano e as demais atividades eram mediadas por um orientador, que coordenava as discussões (FIGUEIRÓ, 1998). Tais experiências trouxeram algumas considerações importantes, conforme retrata Werebe (1978), citado por Figueiró (1998, p. 125):

² WEREBE, Maria Jose Garcia. A implantação da educação sexual no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.26, p.21 -7, set. 1978.

1) A inserção da educação sexual na orientação de grupo, como uma resposta a demanda explícita dos alunos, determinou em grande parte o sucesso do trabalho. 2. O entrosamento entre educação sexual em grupo e individual foi extremamente positiva: as duas ações completaram-se bem. 3. Os programas desenvolvidos com os pais, em particular os seminários de discussão, foram muito importantes para leva-los a compreender melhor o trabalho feito com os alunos e a "aceitar" a sexualidade de seus filhos, bem como para encoraja-los a dialogar com eles. 4. As discussões em grupo favoreceram a "libertação da palavra". Por outro lado, o intercâmbio de pontos de vista, entre alunos, permitiu-lhes distinguir, na análise de uma questão, os fatos científicos que dependem de opiniões pessoais, dos aspectos valorativos passíveis de controvérsias.

Entre o final da década de 1960 e em meados da década de 1970, uma crise política se estabeleceu no país, causando a interrupção de vários programas que vinham sendo desenvolvidos. Diversas manifestações se estenderam pelo país com o objetivo de reverter a situação, porém sem sucesso. Mesmo sem o apoio dos órgãos governamentais, algumas atividades continuaram sendo realizadas às "escuras", conforme retrata Barroso e Bruschini (1982)³ citado por Figueiró (1998, p. 126):

Curiosamente, não havia nenhuma lei ou proibição formal contra a educação sexual. A interdição era difusa e, talvez por isso mesmo, mais eficiente. O assunto era tabu, existia, mas não se falava sobre ele. "Orientadores, professores e educadores, de modo geral, passaram a assumir a interdição, temendo represálias e obedecendo a uma lei que, na verdade, nem mesmo existia".

De acordo com Figueiró (1998), um fator que pode ter dificultado a oficialização da Educação em Sexualidade nas escolas é o argumento da prioridade. Ele foi usado em 1976, num período de intensa repressão e autoritarismo, sendo a principal justificativa dos opositores a continuidade da Educação em Sexualidade. Castro e Oliveira (1991)⁴ apud FIGUEIRÓ, 1998, p.126) explicam tal argumento, colocando que:

³ BARROSO, Carmen, BRUSCHINI, Maria Cristina. **Educação sexual**: debate aberto. São Paulo: Vozes, 1982.

⁴ CASTRO, Claudio de Moura, OLIVEIRA, Joao Batista. **Educação**: por onde começar? (S.I.): IEA 1991. (mimeogr.)

[...] a escola fracassa no mais central que é ensinar a ler, escrever e contar. Antes de pensar em melhorar a educação sexual, meio ambiente ou conteúdo humanista, é preciso assentar todas as baterias no mais essencial: entender o que se lê, comunicar-se corretamente por escrito e lidar com problemas numéricos ou quantitativos do cotidiano. Simplesmente não dá para fazer tudo e a tentação é sempre fazer o mais fácil e o mais em moda.

Esse é um pensamento equivocado diante da relevância do assunto no ensino, pois “o ensino da sexualidade não atrapalha o ensino regular básico, e sim contribui para a formação integral do aluno” (FIGUEIRÓ, 1998, p. 126).

No final da década de 1970 e no início de 1980, a Educação em Sexualidade começou a ganhar espaço novamente. Foi realizado em São Paulo, o 1º Congresso Nacional sobre Educação em Sexualidade nas escolas. Nesse mesmo período, aconteceram muitos debates e diversos livros a respeito de sexualidade foram publicados, os quais incluíam diferentes faixas etárias (ARRUDA et al., 2010, p.9). Esses acontecimentos despertaram o interesse dos pais dos alunos, dos educadores e da sociedade em geral para a Educação em Sexualidade das crianças e dos jovens, dando ênfase ao papel da escola nesse contexto (FIGUEIRÓ, 1998,p.128).

Na década de 1990 a Educação em Sexualidade começou a trabalhar as questões de sexualidade de maneira mais subjetiva, assim como descrito por Arruda (2010, p. 10):

Com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, em 1997, inicia-se uma nova era no que diz respeito ao ensino aprendizagem sobre sexualidade e saúde reprodutiva. A Orientação Sexual – nome utilizado por alguns grupos e assumido pelo Ministério da Educação – torna-se um tema transversal, ou seja, passível de ser abordado em todas as disciplinas (ARRUDA et al, 2010, p.10).

Os conteúdos dessa proposta foram organizados em três eixos conceituais: Corpo – Matriz da sexualidade; Relações de Gênero e Prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis⁵/AIDS. Conforme disposto nos PCN's (BRASIL, 1997),

⁵ A partir da publicação do Decreto nº 8.901/2016, a terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passa a ser adotada pelo Ministério da Saúde em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas. Disponível em: <<http://saude.gov.br/saude-de-a-z/infecoes-sexualmente-transmissiveis-ist>>. Acesso em: 27 nov. 2019. Por esse motivo, optou-se pelo uso da expressão Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) neste trabalho, substituindo

tais eixos possuem uma estreita ligação, sendo estes considerados fundamentais na concepção de sexualidade que se deseja trabalhar.

2.2 EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE NAS ESCOLAS

2.2.1 Questões Legais e Inserção do Tema na Educação Básica

A Educação em Sexualidade na Constituição Federal está inclusa, inicialmente, no aspecto geral da Educação, a qual prevê em seu 3º capítulo, seção I, Art. 205, que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988).

O mesmo aspecto é tratado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no Art. 2º dos princípios e fins da Educação Nacional, a qual coloca que “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996).

O Art. 5º da Constituição Federal traz ainda que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]” em que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”. (BRASIL, 1998).

Logo, tanto a Constituição Federal como a LDB elencam que a educação busca como objetivo a formação plena da pessoa, fazendo-se necessário o estudo mais aprofundando dos trabalhos voltados para a Educação em Sexualidade dentro das escolas, considerando a formação integral do sujeito por ser parte indissociável da pessoa. Destacado assim pelos Parâmetros Curriculares Nacionais:

em “doenças” por “infecções” quando necessário, principalmente em citações referentes ao documento tema transversal Orientação Sexual (BRASIL, 1997).

Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Inclui a importância da prevenção das [infecções] sexualmente transmissíveis/Aids e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões polêmicas. Pretende contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro (BRASIL, 1997, p. 287).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) confere um conjunto de aprendizagens essenciais e indispensáveis a que todos os estudantes, crianças, jovens e adultos, têm direito. A partir dela, redes de ensino e instituições escolares públicas e particulares passam a ter uma referência nacional obrigatória para a elaboração ou adequação de seus currículos e propostas pedagógicas (BRASIL, 2018).

Em sua última versão, a Base Nacional Comum Curricular deixou de fazer menção a tais questões, pois defende que, o corpo deve ser educado para produzir e reproduzir o padrão normativo vigente. Esta versão foi revisada pelo MEC sem a previsão de debates sobre dois tópicos: objetos de conhecimento “corpo, gênero e sexualidade nas tradições religiosas” e definia que, nesse eixo, as escolas deveriam “discutir as distintas concepções de gênero e sexualidade segundo diferentes tradições religiosas e filosofias de vida” (SOUZA JUNIOR, 2018, p. 17).

2.2.2 Educação em Sexualidade e o Ensino de Ciências

Embora a Educação em Sexualidade tenha se moldado no decorrer da história, ainda se nota certa resistência no ensino e na implantação de projetos e programas voltados para as questões da sexualidade na escola. Isso resulta de uma forte polêmica que envolve questões como essa, a exemplo, a crença de que falar sobre sexo estimula a vida sexual dos adolescentes (ARRUDA et al., 2010, p.02).

Para mudar esse tipo de pensamento, Arruda et. al (2010, p. 29) comenta que é preciso “desconstruir e reconstruir certos aspectos de nossa cultura e sociedade” e isso envolve processos educativos, os quais ocorrem a todo o momento, seja por meios formais ou informais. É exatamente a isso que os professores devem se atentar, pois nem todas as informações que chegam ao aluno

são corretas, por exemplo, as mídias sociais tem cada vez mais força na formação de atitudes e hábitos de adolescentes e jovens, tanto de forma positiva como negativa (ARRUDA et al., 2010, p.55). Nesse sentido, a escola é o local ideal para que o professor possa fazer a mediação entre as informações e conduzir da melhor forma o processo ensino-aprendizagem.

Ainda que o tema seja reconhecido como transversal pelos PCNs, é o professor de ciências que acaba ficando responsável por trabalhar o tema, por se tratar de uma concepção “biologizante” (ARRUDA et al., 2010). No entanto, a sexualidade representa mais do que isso, ela é uma “interação do fator biológico, psíquico e o cultural e, por isso, depende das vivências, da cultura e de infinitas variações pessoais (...)” (FREITAS E DIAS, 2010). Assim, a abordagem pode ser articulada por outras disciplinas além da disciplina de Ciências.

Segundo Meyer (2009), é por meio do conjunto de processos que os indivíduos são transformados ou se transformam em sujeitos de uma cultura. Para ele, tornar-se sujeito de uma cultura envolve um conjunto de processos de aprendizagem que vão para além da família, igreja e escola. Isso tudo exige que as duas partes estejam dispostas a trabalhar conjuntamente em prol de uma educação mais abrangente, pois:

A história vem mostrando que tanto a família quanto a escola têm-se mantido mudas/caladas e omissas no que se refere à educação sexual. Por vezes ficam num jogo de encargos e responsabilidades no qual uma instituição atribui a outra a função de educar sexualmente (SANTA CATARINA, 1998, p. 29).

Nesse jogo de encargos, questões de grande relevância acabam deixando de ser tratadas, e isso é um problema, pois conforme apontam Skibinski e Menin (2013, p. 9):

A necessidade da conscientização sobre a Educação Sexual aumenta a cada dia, as doenças continuam sendo disseminadas, a gravidez na adolescência está se tornando cada vez mais comum, e o respeito com seu próprio corpo está deixando de existir. Pensar em sexualidade, sexo, o uso de preservativos é algo que nós adultos devemos preservar em nosso diálogo com nossas crianças e adolescentes. A falta da conversa franca sobre sexualidade dificulta a relação com os adolescentes. É necessário buscar informações, leituras, vídeos, esclarecimentos que possibilitem a abordagem dessa questão sem culpabilidade.

Conduzir o aprendizado dos alunos não se constitui uma tarefa fácil, pois alguns valores já estão enraizados tanto nos professores como na família. Sendo assim, o ideal é que se estabeleça um diálogo produtivo entre o conjunto de valores e os códigos morais e éticos de ambas as partes. Com isso, o professor estabelece uma maior afinidade com o aluno, e passa a ser um adulto de referência, o qual acaba sendo “a primeira pessoa fora do círculo familiar com quem a criança ou o adolescente pode conversar com franqueza sobre temas do seu cotidiano” (SEFFNER, 2009, p. 132).

Nesses termos, os PCNs (BRASIL, 1997, p. 87) apontam que:

Será por meio do diálogo, da reflexão e da possibilidade de reconstruir as informações, pautando-se sempre pelo respeito a si próprio e ao outro, que o aluno conseguirá transformar e/ou reafirmar concepções e princípios, construindo de maneira significativa seu próprio código de valores.

Na mesma direção, Figueiró (2006, p.2) complementa que o professor deve “criar oportunidades à várias de reflexão, para que os alunos pensem e discutam com os colegas, a fim de que formem sua própria opinião sobre sexo pré-matrimonial, masturbação, homossexualidade e aborto, entre outros”. Isso significa que os professores devem atuar como mediadores do conhecimento, quem constrói o conhecimento é o próprio aluno.

2.3 EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE EM PAUTA

2.3.1 Desenvolvimento da Sexualidade

A sexualidade é algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano, e continua até o final da vida, obedecendo aos padrões culturais e sociais da época e do local onde o indivíduo vive, estando associada, então, diretamente a nossa origem (ZANOTTO; CRISOSTIMO, 2011). Nela estão contidos os papéis sexuais, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos, o avanço da AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outros, que são problemas sociais atuais e preocupantes (BRASIL, 1997).

Conforme disposto no documento sobre a Orientação Sexual (BRASIL, 1997), o ensino da sexualidade visa permitir ao aluno encontrar na escola um espaço de informação e de formação, no que diz respeito às questões referentes ao seu momento de desenvolvimento e às questões que o meio ambiente condiciona.

O documento frisa ainda que muitas escolas, ao trabalhar o tema em seus conteúdos formais, acabam discutindo informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. De certa forma, essa é uma discussão necessária, pois envolve o fenômeno da puberdade, que é motivo de muitas dúvidas entre os adolescentes pelas diversas variações que se dão nessa fase de pessoa para pessoa (EISENSTEIN, 2005).

No entanto, a abordagem não pode se limitar somente a isso, considerando que “não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui as dimensões culturais, afetivas e sociais contidas nesse mesmo corpo” (BRASIL, 1997, p. 292).

A respeito disso, sabe-se que a curiosidade é um aspecto que deve ser levado em consideração, pois têm forte relação com o conhecimento das origens de cada um e com o desejo de saber. Isso favorece o processo de aprendizado dos alunos, conforme destaca o mesmo documento (BRASIL, 1997, p. 292):

A oferta, por parte da escola, de um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões contribui para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem no aprendizado dos conteúdos escolares.

Essa fase de intensos questionamentos e inquietação entre os alunos é muito comum na adolescência, pois envolve a construção de uma identidade, a qual se constrói gradativamente de acordo com as experiências de cada indivíduo (MARTINAZZO, 2010; FARIA et al., 2012). Nesse sentido, a escola precisa ter uma visão integrada das experiências vivenciadas pelos alunos, sendo necessário que ela reconheça que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem estar, que integra as diversas dimensões do ser humano envolvidas nesse aspecto (BRASIL, 1997).

2.3.2 Gênero e Diversidade sexual

Trabalhar questões de gênero nas escolas é uma forma de propiciar a compreensão das desigualdades sociais entre homens e mulheres e, ao mesmo tempo, pensar em formas de suprimir os mecanismos que geram essas desigualdades e diversas formas de violência (CEPAC, 2006).

De acordo com Arruda et al. (2010), a questão do gênero

Refere-se à forma como somos socializados, isto é, como as atitudes, comportamentos e expectativas são formados com base no que a sociedade atribui ao sexo feminino e masculino. Estas características são aprendidas na família, na escola, no grupo de amigos, nas instituições religiosas, no espaço de trabalho, nos meios de comunicação. Assim como foram 'construídas', porém, podem ser igualmente 'desconstruídas'.

Essa construção se dará a partir das possibilidades individuais e da sua interação com o meio e a cultura (BRASIL, 1997). Será a partir dessa relação que o jovem adolescente se descobre num corpo sexuado de menino ou menina. A preocupação se volta então para a diferença entre os sexos, não somente as anatômicas, mas também com todas as expressões que caracterizam o homem e a mulher (BRASIL, 1997).

A concepção de pertencer a um sexo ou outro, segundo as disposições contidas nos PCNs, se dá pelo "tratamento diferenciado para meninos e meninas, inclusive nas expressas diretamente ligadas à sexualidade e pelos padrões socialmente estabelecidos de feminino e masculino" (BRASIL, 1997, p. 296). Tais padrões são resultantes de "representações sociais e culturais construídas a partir das diferenças biológicas dos sexos e transmitidas pela educação, o que atualmente recebe a denominação de relações de gênero" (BRASIL, 1997, p. 321).

Nesse sentido, Maia (2009, p. 266) diz:

Ossujeitos se sentem livres para realizar o que desejam quando esse desejo corresponde aos parâmetros normativos presentes no discurso científico, mas não se discute ou não se problematiza o fato de que a dimensão normativa é intrínseca aos saberes da própria ciência, ou seja, ela não é neutra nem alheia às demandas histórico-sociais que medeiam os fins que dirigem sua ação.

Nessa perspectiva, Maia (2009) aponta que não podemos nos furtar de refletir sobre essa questão, correndo o risco de reproduzir a repressão sexual que impede àqueles considerados anormais de usufruírem a própria sexualidade. Isto prevê uma série de disposições, as quais Meyer (2009, p. 219) considera:

[...] diferenças e desigualdades entre mulheres e homens – no plural – são social, cultural e discursivamente construídas e não biologicamente determinadas; deslocar o foco de atenção da “mulher dominada, em si” para a relação de poder em que diferenças e desigualdades entre mulheres e homens são produzidas e legitimadas; “rachar” a homogeneidade, a essencialização e a universalidade contidas em termos como mulher, homem, dominação masculina e subordinação feminina, dentre outros grafados no singular para, com isso, tornar visíveis os mecanismos e as estratégias de poder-saber que as instituem e as atravessam; explorar a pluralidade e conflitualidade constitutiva dos processos que delimitam possibilidades de se definirem o gênero e a sexualidade e vivê-los em cada sociedade, nos seus diferentes segmentos culturais e sociais [...]

De acordo com o autor, admitir e reconhecer essas representações constitui diferentes formas de conhecer e, mais do que isso, tornam esses conhecimentos possíveis. Meyer (2009) enfatiza a questão de se “olhar de fora”, sendo esta uma possibilidade de se abrir abordagens como reinventar-nos a nós mesmas/os enquanto sujeitos de gênero e, de forma articulada a isso, reinventarmos algumas das práticas educativas que se constituem como instâncias dessas atribuições.

2.3.3 Saúde e Prevenção

O trabalho sistemático e sistematizado da Educação em Sexualidade dentro da escola está articulado com a promoção da saúde das crianças e dos adolescentes (BRASIL, 1997). Segundo Ramiro et al. (2011, p. 12), a Educação em Sexualidade “é a mais importante forma de prevenção de problemas ligados à saúde sexual e reprodutiva dos jovens”.

No que se refere a esses direitos, Arruda et al. (2010) colocam que os direitos sexuais incluem o direito de viver a sexualidade com prazer, sem culpa, vergonha, medo ou coerção, independente do estado civil, idade ou condição física, e os direitos reprodutivos relacionam-se ao direito básico de todas as pessoas em decidir livre e responsavelmente se querer ou não ter filhos; livres de discriminação, coerção ou violência e com acesso a serviços de saúde e qualidade.

De acordo com o previsto pelos PCNs, a abordagem sexual voltada para a saúde possibilita a realização de ações preventivas às infecções sexualmente transmissíveis/AIDS de forma mais eficaz. Nesse sentido, o documento enfatiza que:

Reconhecem-se, portanto, como intervenções mais eficazes na prevenção da AIDS as ações educativas continuadas, que oferecem possibilidades de elaboração das informações recebidas e de discussão dos obstáculos emocionais e culturais que impedem a adoção de condutas preventivas. Devido ao tempo de permanência dos jovens na escola e às oportunidades de trocas, convívio social e relacionamentos amorosos, a escola não pode se omitir diante da relevância dessas questões, constituindo local privilegiado para a abordagem da prevenção às [infecções] sexualmente transmissíveis/AIDS (BRASIL, 1997, p. 293).

Destaca-se ainda, que esse tipo de abordagem também contribui para a prevenção de outros problemas, como abuso sexual e a gravidez indesejada. Assim, as informações certas aliadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão dos jovens sobre a sua própria sexualidade ampliam a consciência sobre os cuidados necessários para a prevenção desses e de vários outros problemas.

3 METODOLOGIA

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O processo de pesquisa vinculado ao trabalho caracteriza-se como bibliográfico e documental. Segundo o entendimento de Gil (2008), ambos os processos têm como objeto de investigação o documento, no entanto diferem quanto à natureza das fontes.

O autor destaca que a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (2008, p.50), enquanto a pesquisa documental “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (2008, p.51). As fontes de pesquisa utilizadas foram livros e artigos científicos publicados em revista eletrônica, além de anotações provenientes de observações participantes e experiências de prática docente em Ciências da pesquisadora como professora-residente integrante do Programa de Residência Pedagógica⁶.

Dadas as características da pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa-interpretativa da sequência didática proposta para inserção do tema Educação em Sexualidade no início dos anos finais do Ensino Fundamental.

Nas palavras de Martins (2004, p. 292),

(...) as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, da análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador. Neste caso, a preocupação básica do cientista social é a estreita aproximação dos dados, de fazê-lo falar da forma mais completa possível, abrindo-se à realidade social para melhor apreendê-la e compreendê-la.

Ao explorar métodos de investigação qualitativa, Moraes (1999) aponta a interpretação como uma das etapas essenciais para o processamento de dados desse tipo de abordagem. No estudo em questão, o movimento interpretativo relaciona-se a estudos apoiados numa fundamentação teórica explicitada, em que a

⁶Mais informações sobre o Programa estão disponíveis na página da Fundação CAPES, disponíveis em <https://capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>.

interpretação é realizada por meio de uma exploração dos significados expressos na intervenção numa contrastação com esta fundamentação (MORAES, 1999).

A percepção que o pesquisador tem dos dados é estritamente pessoal, devendo ser conhecida, conforme reforça Stake (2016, p.41), pela “integridade do pensamento”, pois “não existe uma única forma de pensamento qualitativo, mas uma enorme coleção de formas: ele é interpretativo, baseado em experiências, situacional e humanístico”. No entendimento do autor, o próprio pesquisador se torna um instrumento em meio ao estudo, desempenhando uma função subjetiva ao observar ações e analisar contextos.

Assim, esse tipo de análise permitiu estabelecer considerações relevantes sobre a influência da sequência didática, a qual foi organizada de forma a qualificar o processo ensino-aprendizagem no contexto da Educação em Sexualidade.

3.2 ORGANIZAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A sequência apresentada a seguir, detalhada e analisada na continuidade, pode ser aplicada em intervenções pedagógicas planejadas para 6º e 7º anos do ensino fundamental, de preferência no início do ano letivo, quando ocorre a ambientação dos alunos na escola; dado que essas questões não fazem parte do currículo dos anos referenciados, dificultando o trabalho no decorrer do ano. Pensando nisso, a sequência didática sugere dinâmicas que podem ser trabalhadas segundo a disposição dos momentos, ou mesmo de forma separada, de acordo com o planejamento docente.

A proposta foi organizada com base nos três eixos conceituais apresentados pelos PCN's, a saber: (1) Corpo – Matriz da sexualidade; (2) Relações de Gênero; e (3) Prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis/AIDS). Os títulos e objetivos foram ajustados seguindo a proposta didática e o nível de ensino:

1. **Sexualidade:** compreender a construção da sexualidade e suas manifestações na adolescência e na juventude.
2. **Diversidade Sexual:** identificar, reconhecer e respeitar as diversidades.
3. **Saúde e Prevenção:** conhecer-se para uma vida mais saudável e consciente.

Os eixos foram organizados em quatro momentos, conforme apresentado no Quadro 1.

Momentos	Eixos trabalhados	Questões para discussão
1 "Construindo conceitos"	1 – Sexualidade 2 – Diversidade Sexual 3 – Saúde e Prevenção	<i>O que se entende por puberdade? Sexualidade? Diversidade? Saúde sexual?</i>
2 "Autoconhecimento"	1 – Sexualidade 3 – Saúde e Prevenção	<i>Quais mudanças estão ligadas a puberdade? Qual a relação entre puberdade e sexualidade? Como a sexualidade é construída?</i>
3 "Convivendo com as diferenças"	2 – Diversidade Sexual	<i>Por que somos diferentes um do outro? As diferenças distanciam ou aproximam as pessoas? Como é isso na sociedade?</i>
4 "O que eu levo o que eu deixo"	1 – Sexualidade 2 – Diversidade Sexual 3 – Saúde e Prevenção	<i>Quais atitudes eu posso mudar/adotar a partir dos princípios trabalhados nas atividades?</i>

Quadro 1 – Sequência didática

Fonte: Autoria própria.

Os encaminhamentos dessa proposta permitem a conciliação dos três eixos de grande importância na Educação em Sexualidade, possibilitando a construção de percepções fundamentais na formação integral do aluno.

3.3 DETALHAMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Momento 1 “Construindo conceitos”

Nesse primeiro momento, propõe-se uma introdução ao tema Educação em Sexualidade, com o objetivo de construir alguns conceitos que serão trabalhados no decorrer das atividades.

Tempo estimado: 1 aula

Materiais necessários: Papel, lápis ou caneta, uma caixa, quadro negro e giz.

Atividade:

- O professor distribui papéis e lápis aos alunos, solicitando que não coloquem seus nomes (sem identificação). Em seguida, o professor indica o termo que será tratado (puberdade; sexualidade; diversidade; saúde sexual) e os alunos escrevem rapidamente seu significado de acordo com seus conhecimentos prévios. Ao terminarem, os alunos devem dobrar o papel e colocar na caixa

no centro do círculo. Após misturar os papéis na caixa, o professor pede que os alunos retirem um novo papel. Os participantes lêem um a um o papel recebido, enquanto o professor anota as ideias no quadro.

- No final, professor e alunos, discutem e trabalham com essas ideias, acrescentando, modificando ou corrigindo o conceito construído pelo grupo. Deve-se repetir o procedimento para todos os termos indicados.

A mesma caixa utilizada na atividade pode ficar disponível como uma “caixa de dúvidas”, assim os alunos escrevem e depositam suas dúvidas em qualquer momento da sequência didática.

Momento 2 “Autoconhecimento”

Nesse momento, são explicadas as mudanças ocorridas na puberdade, relação entre a puberdade e a sexualidade, e a construção da sexualidade.

Tempo estimado: 2 aulas

Materiais necessários: dispositivo de música, folha de cartolina, canetinha, lápis de cor, giz de cera.

Atividade:

- Para iniciar a atividade, o professor pode colocar uma música animada e solicitar que os alunos caminhem pela sala, ocupando todo o espaço disponível e que, ao seu comando, sigam as instruções: soltar os braços, balançar os braços; sacudir os ombros; soltar as pernas, balançar uma perna, depois a outra, fechar os olhos, tomando o cuidado para não esbarrarem nos colegas.
- Em seguida, os alunos devem formar um círculo e observar as características comuns entre as pessoas que compõem o grupo. Após isso, divide-se a sala em quatro grupos, informando que cada grupo construirá um(a) adolescente na faixa etária deles (11-13 anos). O sexo biológico do adolescente é definido por meio de sorteio e as características em conjunto pelo grupo. Explicar que nessa construção devem ser expressas as características físicas, comportamentais e sociais. Na continuidade, cada grupo apresenta o(a) adolescente criado aos demais grupos, tendo entre 5 e 10 minutos para isso. Na medida em que as características são expressas, o professor pode anotar no quadro, quantificando as que mais e as que menos aparecem.

- Ao final, abrir o debate a partir das seguintes questões: *1. Quais mudanças estão ligadas à puberdade? 2. Qual a relação entre puberdade e sexualidade? 3. Como a sexualidade é construída?*

Momento 3 “Convivendo com as diferenças”

As atividades, nesse momento, devem ser mediadas de modo a favorecer a identificação, reconhecimento e respeito às diferentes formas de ser.

Tempo estimado: 1 aula

Materiais necessários: espelho, papel, lápis ou caneta, uma caixa, quadro negro e giz.

Atividade:

- Desenhar o boneco do gênero no quadro e, a partir dele, identificar e diferenciar as expressões: identidade de gênero, orientação sexual, sexo biológico e expressão de gênero. Após isso, posicionar um espelho na sala e solicitar que cada aluno se levante e observe sua própria imagem. A finalidade é que cada um pense numa particularidade sua e voltem aos seus lugares. Sugere-se o uso da Figura 1, disponibilizada pelo IFSC, como referência para a construção desse boneco.
- Distribuir folhas de papel A4 de modo que cada aluno faça um desenho de si próprio. Em seguida, individualmente, que pensem em si mesmos, em suas famílias e sua origem. Dar 20 minutos para prepararem suas histórias. Quando terminarem, voluntariamente, organizar os alunos para que compartilhem as histórias com os colegas.
- Após terem concluído, abrir o debate a partir das seguintes questões: *1. Por que somos diferentes um do outro? 2. As diferenças distanciam ou aproximam as pessoas? Como é isso na sociedade?*
- Ao final, solicitar ao grupo que faça uma colagem com todos/as os desenhos individuais, formando um retrato de todo o grupo.

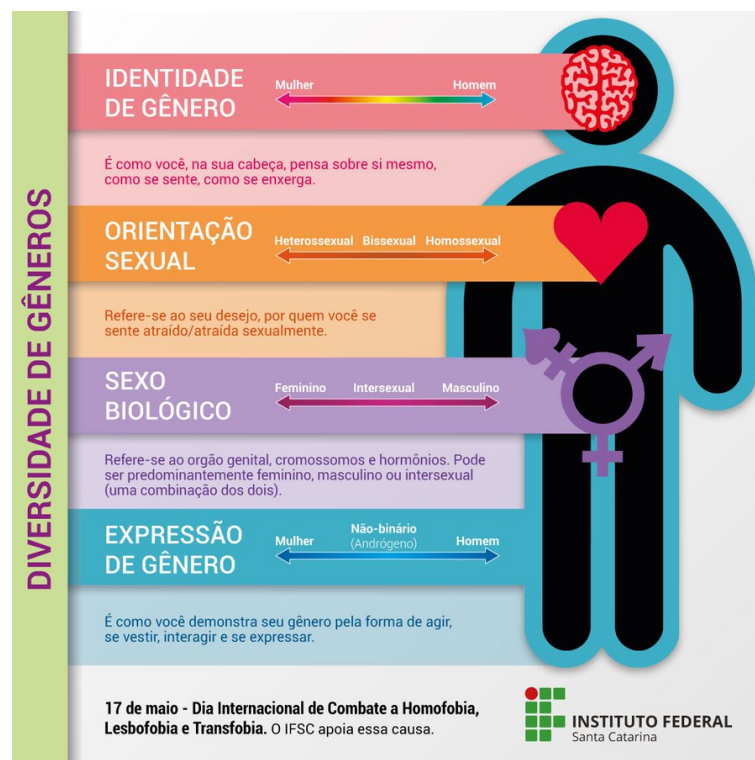


Figura 1 – Diversidade de gêneros

Fonte: IFSC (2016). Disponível em: <<https://twitter.com/ifsc/status/732536518288539652>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

Momento 4 “O que eu levo e o que eu deixo”

Nesse último momento, os alunos devem ser instigados a refletirem sobre os aspectos “bons” e “ruins” trabalhados nas atividades.

Tempo estimado: 1 aula

Materiais necessários: objeto de fala (a ser definido pelo professor)

Atividade:

- Solicitar que os alunos fiquem em silêncio por um minuto e que pensem no que seria preciso mudar em si mesmos para implementar os valores trabalhados nas atividades em suas vidas. Em seguida, passe o objeto de fala para um dos participantes, o qual deve dizer “o que levo do grupo” e “o que deixo para o grupo”. O gesto deve ser repetido até que todos tenham participado.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Ao falar sobre Educação em Sexualidade, um dos primeiros embates que aparecem é o problema com a conceituação das terminologias. Isso acaba fortalecendo algumas ideias equivocadas, como a ligação direta da palavra sexualidade ao sexo propriamente dito. Sabendo disso, é necessário encontrar meios para a construção e desconstrução dos conceitos, sendo um dos primeiros passos para uma abordagem mais efetiva.

Além disso, outro aspecto que causa confusão e inquietação nos alunos é a fase da adolescência, que compreende diversas transformações, tanto físicas quanto comportamentais. Essas transformações se justificam pelo fenômeno da puberdade junto à expressão da sexualidade do indivíduo.

A sexualidade é algo íntimo do ser humano, que é regulada pelas experiências individuais, portanto, integrando múltiplas formas de identidades sexuais. Em meio a essa multiplicidade de identidades, é preciso tomar cuidado para que as diferenças não se tornem preconceito, levando cada aluno a refletir sobre a sua postura em sociedade.

Momento 1 “Construindo conceitos”

Nesse momento, a intenção é estabelecer um primeiro contato dos alunos com o tema Educação em Sexualidade, trabalhando termos e conceitos que fundamentam a sequência didática, como uma forma de organizar um entendimento prévio antes das atividades serem realizadas. Os termos em questão são: puberdade, sexualidade, diversidade sexual e saúde sexual. Alguns desses termos, por vezes, são confundidos e interpretados de forma totalmente incompatível, alimentando a polêmica em torno do assunto. Nessa perspectiva, Arruda et al. (2010, p.29) dizem ser fundamental a intervenção dos educadores para o esclarecimento e mediação das informações que circulam entre os alunos.

O trabalho com os termos nessa atividade tende a ser sintético, pois cada aspecto será tratado de maneira específica nas discussões dos momentos. Para conduzir essa discussão, o professor pode consultar os fascículos “Sexualidades e

Saúde Reprodutiva”⁷ e “Gêneros”⁸, e ainda o texto “Adolescência: definições, conceitos e critérios”⁹. Esses materiais apresentam algumas definições que serão úteis como suporte ao professor para o encaminhamento da atividade.

Na atividade, sugere-se a não identificação dos alunos nos papéis para que estes se sintam mais confortáveis com relação ao assunto, evitando julgamentos e constrangimentos, e contribuindo para o atendimento dos objetivos. Com esse mesmo viés, a “caixa de dúvidas” indicada na atividade, consiste em identificar os questionamentos dos alunos a respeito do tema para que estes possam ser discutidos ao longo das etapas, proporcionando e estimulando um ambiente favorável à desinibição, deixando os alunos a vontade para exporem suas dúvidas.

Momento 2 “Autoconhecimento”

Nesse segundo momento, são traçadas as mudanças biológicas que fazem parte da adolescência, caracterizadas como puberdade, e sua relação com a sexualidade, que constitui algo muito mais íntimo.

De acordo com Faria et al. (2012, p. 2012), sabe-se que a adolescência é uma fase caracterizada por inúmeras transformações, o que exige do ser humano a construção de uma nova identidade, desencadeando vários questionamentos, ansiedade e instabilidade nas relações interpessoais. A desinformação sobre esses processos acaba expondo os adolescentes a riscos de saúde, deixando-os em situação de vulnerabilidade, como a depressão, o uso de drogas e transtornos alimentares.

O início da atividade se caracteriza como um momento de integração entre os alunos, que objetiva a descontração e a aproximação entre eles, sendo importante também para levantar as expectativas do grupo. Na ordem, a formação do círculo permite uma visão mais ampliada entre os alunos, que precisam observar os colegas para fazer a construção do adolescente.

⁷Fascículo: Sexualidades e Saúde Reprodutiva, 2011 https://www.sintepe.org.br/pdf/Folder_Sexualidade.pdf

⁸Fascículo: Gêneros, 2011 https://www.sintepe.org.br/pdf/Folder_Generos.pdf

⁹Artigo: Adolescência: definições, conceitos e critérios. Autor: Evelyn Eisenstein, 2005. http://adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167

Essa construção prevê uma análise das características em comum, tanto no que diz respeito às características físicas quanto às características comportamentais. Para trabalhar as discussões em torno das características apresentadas na construção, sugeriu-se o apontamento das características no quadro, para quantificar aquelas que mais e menos aparecem, trabalhando simultaneamente com o fenômeno da adolescência e da sexualidade.

Questões problematizadoras:

1. Quais mudanças estão ligadas a puberdade?

Essa pergunta busca trabalhar as mudanças comportamentais, morfológicas e fisiológicas do fenômeno da puberdade, que se refletem no modo de pensar, sentir e se comportar dos adolescentes. É importante abordar também que, ainda que a puberdade seja um fenômeno comum entre os adolescentes, concorda-se com Eisenstein (2005) que existe uma enorme variabilidade no tempo de início, duração e progressão do desenvolvimento puberal, com diferenças expressivas entre os sexos, entre os diversos grupos étnicos e sociais de uma população, e ainda variando de acordo com estado nutricional, fatores familiares, ambientais e contextuais.

Esses aspectos relacionados ao desenvolvimento puberal acabam sendo alvos frequentes de comparação entre os adolescentes, como a altura, tamanho do pênis, ausência ou atraso da menstruação, tamanho dos seios, acne, entre outros, causando uma grande inquietação nos alunos. Por esse motivo, o professor deve deixar claro que isso se dá em decorrência da ação de vários hormônios e que é um fato totalmente normal.

A discussão incentiva o autoconhecimento, possibilitando a reflexão dos alunos sobre si e a compreensão das transformações envolvidas na puberdade, de modo que estes se sintam mais preparados para viver essa fase carregada de mudanças.

Para essa atividade, o professor pode se apoiar na leitura do texto “Puberdade e suas mudanças corporais”¹⁰, que traz informações importantes sobre

10 Texto: Puberdade e suas mudanças corporais, 2001

essa fase, destacando as mudanças ocorridas no corpo das meninas e no corpo dos meninos.

2. Qual a relação entre puberdade e sexualidade?

Essa pergunta pretende estabelecer a relação entre a puberdade e a sexualidade, que são termos definidos separadamente, no entanto indissociáveis. Conforme apontado na pergunta 1, a puberdade está ligada mais aos aspectos biológicos apresentados na fase da adolescência. Já a sexualidade, conforme defende Freitas e Dias (2010), trata-se de uma interação dos fatores biológico, psíquico e cultural e, por isso, depende das vivências, da cultura e de infinitas variações pessoais, que influenciam o comportamento sexual de cada um. Da mesma forma que a pergunta anterior, acredita-se que essa discussão contribui para o autoconhecimento dos alunos, possibilitando o reconhecimento dos aspectos ligados à puberdade e àqueles que se referem à sexualidade dos indivíduos.

3. Como a sexualidade é construída?

Essa pergunta procura esclarecer como a sexualidade se expressa em cada indivíduo e de que forma ela se caracteriza. Ao falar em sexualidade, percebe-se que muitos alunos acreditam que se inicia apenas na fase da adolescência, o que é um grande equívoco. Como afirmam Zanotto e Crisostimo (2011), a sexualidade começa a se desenvolver logo após o nascimento e é construída no decorrer da vida, sendo influenciada pelos padrões culturais e históricos do local onde o indivíduo vive, fazendo parte da personalidade de cada um. Logo, a forma como a sexualidade se caracteriza está em acordo com essa personalidade e as condições vinculadas aos diferentes contextos.

Nesse processo de socialização, a escola desempenha um importante papel, pois os alunos vivem intensas experiências no período escolar, sendo uma oportunidade para se construir valores significativos que podem influenciar o

comportamento sexual dos mesmos futuramente, como atitudes preventivas e exercício da sexualidade consciente.

Momento 3 “Convivendo com as diferenças”

As atividades, nesse momento, são mediadas de modo a favorecer a identificação, reconhecimento e respeito às diferentes formas de ser.

O desenho do boneco do gênero foi pensado como uma tentativa de levar até os alunos uma conceituação básica relacionada ao gênero, considerando principalmente a faixa etária, nível de escolarização e entendimento dos alunos. O tema é atual e ao mesmo tempo crítico, precisando ser construído aos poucos no processo educacional, pois caso contrário pode gerar mais confusão e dúvida do que entendimento.

Diante disso, o professor precisa trabalhar os termos com objetividade, buscando uma exposição adequada e formal, e com cuidado para não entrar em embates morais com os alunos. Para tal, pode-se utilizar como apoio o texto “Uma reflexão a respeito dos conceitos de sexo biológico, identidade de gênero e identidade afetivo-sexual”¹¹. Essa é uma discussão fundamental no contexto escolar, considerando que o adolescente está num ambiente de diversidades, com variadas formas de expressão da sexualidade humana.

Na etapa seguinte, a utilização do espelho sugere aos alunos um momento de apreciação de si, de pensar em suas particularidades, sejam qualidades ou defeitos, em suas histórias e origem, finalizando com a produção do desenho individual, que vai materializar esse momento. O círculo de debate ao final permitirá uma reflexão acerca da construção feita por cada um.

O retrato formado pelos desenhos individuais dos alunos possibilita uma visualização integrada da diversidade existente, sendo evidenciadas em cada uma das manifestações, que seguem traços específicos, seja na criatividade, na habilidade com o desenho, no contexto escolhido, enfim, a história de vida de cada um. Este retrato pode ficar exposto em algum local da sala.

¹¹Texto: Uma reflexão a respeito dos conceitos de sexo biológico, identidade de gênero e identidade afetivo-sexual.

<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3178.pdf>

Questões problematizadoras:

1. Por que somos diferentes um do outro?

Essa discussão busca instaurar o pensamento de que existem várias formas de pensar, ser e agir. Trata-se da identidade humana, que é um traço característico de cada ser que permite distinguir um indivíduo do outro; bem como permite ao sujeito construir e desenvolver os traços da sua própria história. Concorda-se com Martinazzo (2010) que a identidade marca a cada um, individualmente, se construindo gradativamente no decorrer das ações cotidianas em meio à realidade cultural inserida. A partir dessa reflexão, o professor possibilita ao aluno o entendimento de que histórias e culturas diferentes dão origem a identidades também diferentes, incentivando o reconhecimento e respeito às diferentes identidades sexuais.

2. As diferenças distanciam ou aproximam as pessoas? Como é isso na sociedade?

Essa pergunta busca uma reflexão em torno das diferenças que se tornam desigualdades, seja pelas características físicas, sociais e/ou culturais. É importante o professor destacar que todas as pessoas contribuem de alguma forma para a valorização ou desvalorização de determinadas formas de ser e de pensar, o que acaba gerando preconceitos e estimulando atitudes e comportamentos discriminatórios e excludentes.

Assim, é consciência de cada um praticar o respeito ao próximo. Muito se fala, no entanto, poucas vezes há uma reflexão ou diálogo sobre a origem das discriminações e o porquê a necessidade do ser humano se educar e respeitar o próximo. As diferenças são algo muito comum na sociedade, por isso, devem-se considerar as diversas formas de existência e respeitá-las sob a ótica dos Direitos Humanos. Espera-se que essa discussão possa trazer uma mudança de posturas em busca de uma sociedade mais justa e menos preconceituosa.

Momento 4 “O que eu levo e o que eu deixo”

Esse momento se constitui como uma dinâmica de encerramento, a qual reforça os princípios trabalhados nas atividades e convida o aluno a refletir sobre o seu compromisso de ação a partir dos conceitos estudados em cada um dos momentos anteriores. O aluno deve considerar a experiência vivenciada, pensando no que ela agregou de novo em relação aos conhecimentos prévios à sequência didática. No caso do professor, essa atividade pode servir como uma avaliação final do aprendizado dos alunos, fazendo uma análise dos discursos em relação aos objetivos propostos em todos os momentos.

Questão problematizadora:

1. Quais atitudes eu posso mudar/adotar a partir dos princípios trabalhados nas atividades?

Espera-se com essa pergunta que os alunos desenvolvam a capacidade de reconhecer e lidar com as mudanças relativas à puberdade, a vivência da sua sexualidade, e possam respeitar as diferenças individuais, para o enfrentamento de preconceitos no ambiente escolar.

As discussões trazidas possibilitam a reflexão sobre a importância da Educação em Sexualidade no espaço escolar, assim como na sociedade em geral. Trata-se de um processo que visa informar e esclarecer as dúvidas e anseios dos jovens, para que estes possam desfrutar da sua sexualidade com responsabilidade e saúde, e possam também considerar as diversas formas de expressão da sexualidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação em Sexualidade se configura como um importante tema para ser trabalhado nas escolas, pois envolve vários aspectos que influenciam diretamente na vida de cada indivíduo. É na escola que a maioria dos alunos tem o primeiro contato com o tema, sendo uma ótima oportunidade para deixá-los falar, exporem suas dúvidas e, portanto, construírem um conhecimento de qualidade, pautado no desenvolvimento integral e na formação de um estudante crítico, capaz de agir com autonomia nas suas relações sociais.

A partir das percepções envolvidas no processo de análise, considera-se que os objetivos do trabalho foram alcançados, tanto na organização de um referencial teórico básico e fundamental sobre a Educação em Sexualidade, como na elaboração de uma sequência didática com potencial para a inserção do tema a partir do Ensino de Ciências.

A sequência, da forma como foi elaborada e proposta, pode contribuir como material didático de apoio ao professor de Ciências em sua prática docente, possibilitando aos alunos que se apropriem dos conhecimentos fundamentais dentro do tema Educação em Sexualidade, de maneira a favorecer o desenvolvimento de atitudes e posturas, como a seguir:

- *Valorização do autoconhecimento;*
- *Cuidados com o corpo e a saúde;*
- *Reconhecimento e respeito às diversidades;*
- *Desenvolvimento de uma consciência crítica e tomada de decisões responsáveis.*

O caderno didático desenvolvido a partir da sequência didática proposta é parte integrante desse trabalho de pesquisa e pode ser utilizado pelo professor de Ciências e, também, por docentes de outras disciplinas, dado a transversalidade do tema no Ensino.

Dificuldades encontradas e expectativas futuras

A aplicação da sequência didática não foi possível, conforme previsto no projeto de pesquisa, em decorrência da mudança de objetivos durante o envolvimento da pesquisadora com o Programa de Residência Pedagógica, do qual passou a fazer parte como professora-residente.

No início do projeto, a aplicação se daria no 8º ano em vista dos conteúdos curriculares, porém, o trabalho acabou tomando um novo rumo se voltando para os 6º e 7º anos, dado que as manifestações da sexualidade, da diversidade e as condições de vulnerabilidade não respeitam a ordem programática de conteúdos curriculares.

Apesar disso, a ideia motivou outros trabalhos como professora-residente, ao longo do Programa, que envolveram intervenção pedagógica, como o Projeto Temático “Educação para Prevenção”, com subtema “Autoconhecimento e Autocuidado”, realizado no Colégio Estadual Profª Elzira Correia de Sá em duas turmas de 6º ano. Além desse projeto, na mesma escola, realizou-se a intervenção sobre “Gravidez na Adolescência”, com aproximadamente 380 alunos de turmas de 7º, 8º e 9º anos.

Fica expressa, então, a afinidade pelo tema e o desejo de uma aplicação futura da sequência didática proposta e analisada, bem com a elaboração de uma versão mais prática do caderno didático, com conteúdos já selecionados para o professor se apoiar, e uma metodologia com critérios sistematizados para uma análise mais clara do aprendizado dos alunos.

Mais adiante, deseja-se que esse trabalho de conclusão de curso possa vir a ser articulado à um projeto de pesquisa para ingresso no Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR-PG).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Silvane et al. **Adolescentes, jovens e educação em sexualidade: um guia para ação**. 2010.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Educação é a Base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf> Acesso em: 10 nov. 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 14 nov. 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei 9394/96**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 10 nov 2018
BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais – Orientação Sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

CEPAC. Centro Paranaense de Cidadania. **Guia Para Educadores (as): Educando Para a Diversidade - Como Discutir Homossexualidade na Escola?** Curitiba: Ciranda, 2006.d Disponível em: <<http://portais.ufg.br/up/16/o/pplgbt-162.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência e Saúde**, v. 2, n. 2, p. 6-7, 2005. Disponível em: >http://adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167>. Acesso em 13 nov. 2019.

FARIA, E. C. R.; DOMINGOS, S. R. F.; MERIGHI, M. A. B.; FERREIRA, L. M. G. et al. Abortamento na adolescência: vivência e necessidade do cuidado. **Rev. Gaúcha Enferm**, v. 33, n. 3, p. 20-6, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472012000300003>. Acesso em: 13 nov. 2019.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p.1-2. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323>> Acesso em: 29 jun. 2018.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Revendo a história da educação sexual no Brasil: ponto de partida para construção de um novo rumo. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 4, n. 4, p. 123-133, 1998. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/84/96>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

FREITAS, K. R.; DIAS, Silvana M. Z. Percepções de adolescentes sobre sua sexualidade. **Rev. Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 51-58, abr/jun 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v19n2/17.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. Editora Atlas SA, 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em 13 nov. 2018.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Sexualidade, deficiência e gênero: reflexões sobre padrões definidores de normalidade. **Junqueira, RD (Org.)**, 2009.

MARTINAZZO, Celso José. Identidade humana: unidade e diversidade enquanto desafios para uma educação planetária. **Revista Contexto & Educação**, v. 25, n. 84, p. 31-50, 2010. Disponível em: <<https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/460>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

MARTINS, Heloisa Helena Teixeira de Sousa. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**. v.30, n.2, p.35-37, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2019.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Corpo, violência e educação: uma abordagem de gênero. **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Unesco, p. 213-233, 2009.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação, Porto Alegre**, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: <<http://pesquisaemeducacaoufrgs.pbworks.com/w/file/etch/60815562/Analise%20de%20conte%C3%BAdo.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2019.

RAMIRO, Lúcia et al. Educação sexual, conhecimentos, crenças, atitudes e comportamentos nos adolescentes. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, v. 29, n. 1, p. 11-21, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-90252011000100003>. Acesso em: 14 nov. 2018.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: **Temas Multidisciplinares**. Florianópolis: COGEN, 1998.

SEFFNER, Fernando. Equívocos e armadilhas na articulação entre diversidade sexual e políticas de inclusão escolar. **Diversidade sexual na educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas**, p. 125-139, 2009.

SKIBINSKI, A.; MENIN, F. T. Formação de professores e educação sexual de crianças e adolescentes na escola. **EDUCAÇÃO SEXUAL: Múltiplos temas, compromisso comum**, p. 1-11, 2013. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/anais/pdf/educacao_sexual_escolar/4-02.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2018

SOUZA JUNIOR, Paulo Roberto Souza. A questão de Gênero, Sexualidade e Orientação Sexual na atual base nacional comum curricular (BNCC) e o movimento lgbttqis. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**, v. 4, n. 1, p. 1-21, 2018. Disponível em: <<http://www.indexlaw.org/index.php/revistagsd/article/view/3924>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Penso Editora, 2016.

ZANOTTO, Lenir Salette; CRISOSTIMO, Ana Lúcia. **Sexualidade e mudanças que ocorrem na puberdade**. 2011. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_unicentro_cien_artigo_lenir_salette_zanotto.pdf>. Acesso em: 11 out. 2019.